

Enunciando realidades ou os modos de fabricação da realidade midiática? (A propósito de Laden, a santa e o doente)

Antônio Fausto Neto¹

RESUMO

Transformações da noticiabilidade são examinadas por meio do trabalho de operações enunciativas jornalísticas, cuja ênfase deixa de ser a fabricação de “um mundo externo”, dando lugar ao processo referente à sua fabricação. De tais transformações resulta compreender que o discurso jornalístico estrutura-se com marcas de sua auto-referência, falando mais de si do que da realidade por ele apontada.

Palavras-chave: Jornalismo; noticiabilidade; enunciação; auto-referência.

ABSTRACT

Transformations of the communicability are examined through the work of the operations of journalistic enunciation which emphasis is not the manufacturing of “an external world”, but giving place to the process regarding its manufacturing. Of such transformations it results to comprehend that the journalistic speech is structured with marks of its self-reference, uttering more about itself than the reality being pointed by it.

Keywords: Journalism; communicability; enunciation; self-reference.

¹ Doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), França. Professor titular do PPG-CC, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Rio Grande do Sul.

1**Introdução**

Esta comunicação se reporta às mutações que sofrem as condições de enunciação e a própria natureza do processo de noticiabilidade, questão que tem a ver com fatores extrajornalísticos, com os processos de produção dos discursos jornalísticos, bem como com a articulação desses dois conjuntos que incidem sobre o próprio conceito de notícia hoje. Nosso propósito é trazer para discussão, com bases em fragmentos discursivos jornalísticos, questões relativas aos processos relacionados às condições de produção dos discursos jornalísticos como algo que tem a ver com a complexidade e a singularidade dos seus próprios sistemas de produção. Embora sofrendo assédios e/ou co-determinações de outras operações midiáticas e também daquelas de outros campos sociais, os processos que engendram a noticiabilidade gozam, contudo, de uma expressiva autonomia – aspecto que permite compreender o fato de as práticas midiáticas jornalísticas estarem cada vez mais marcadas por registros de sua própria auto-referencialidade. Essa problemática, em que as mídias se reportam crescentemente às suas próprias operações de produção, está formulada num lugar teórico que formalmente não se caracteriza como o da comunicação. Algumas das reflexões sobre o assunto são desenvolvidas por Niklas Luhmann, numa obra recente², em que nos fornece algumas pistas conceituais para se entender por que as mídias são cada vez mais auto-referenciais e também por que seus dispositivos de produção operam e cristalizam-se em torno de uma autonomia que independe de outros ambientes/campos sociais. Evidentemente que, por economia de espaço, é impossível comentar de modo mais alongado a contribuição de Luhmann para essas questões, porém registro-o aqui como fonte de algumas referências³ e também avanço de forma

² LUHMANN, Niklas. *La realidad de los mass medias*. Espanha: Anthropolos, 2000.

³ Idem, *A nova teoria dos sistemas*. Clarissa Neves & Eva Samios (coord.). Porto Alegre: UFRGS, 1997.

esquemática sobre alguns desses conceitos que interessam às finalidades desse texto.

O conceito de *autopoiesis* é apresentado como a prática de um sistema que produz e desenvolve, ele próprio, operações específicas no âmbito da sua própria fronteira, ainda que se mantenha em contato com outros sistemas. Por exemplo, o sistema midiático se “mantém ocupado com o processamento de estimulações que produz para a sociedade (e mesmo para si em sociedade). Por isso, a realidade de um sistema é sempre correlata de suas próprias operações. Sempre uma construção própria” (Luhmann 2000: 17).

Esse trabalho de recursividade interna às suas próprias operações é o que dá origem ao fenômeno da auto-referencialidade. O sistema é alimentado por operações internas das suas rotinas e da sua cultura, desenvolvendo-as para que estas possam dar continuidade a sua existência e ao seu funcionamento. Trata-se de um modelo que busca em si mesmo as regras dos seus processos de construção, e, neste caso, o sistema produtivo informativo busca nas suas próprias fronteiras as possibilidades de falar sobre o mundo. Esse processo de fabricação de realidade pode e é permanentemente *irritado* por operações de outros sistemas, mas é ele em si mesmo quem assegura a existência e a gestação em formas (discursivas) daquilo que apresenta como produto. A nosso ver, é nesse nível que o sistema midiático desenvolve um peculiar trabalho, deslocando ênfase enunciativa dos conteúdos acerca do mundo que relata para operações que procuram dar ênfase ao trabalho desta própria realidade fabricante – o dispositivo midiático. Vale lembrar que, apesar de fechado em suas operações, o sistema midiático mantém-se em contato com outros sistemas, e o modo de fazê-los existir é apropriando-se dos temas de suas atividades, transformando-os em relatos que são operados no âmbito da mídia. A isso, chamar-se-ia o “acoplamento estrutu-

ral dos meios de massa com outros campos da sociedade” (Luhmann 2000: 16-18). Entretanto, e esta é a hipótese que aqui está sendo defendida, a ênfase do trabalho enunciativo da mídia jornalística reporta-se cada vez menos aos temas e mais às operações que realiza para instituir os processos de acoplamentos. É nisso que reside, da parte da mídia, um modo de falar de si própria.

Na esfera dos estudos das mídias, um esforço teórico e analítico já vem dando conta do debate sobre essa problemática por diferentes autores, ainda que em perspectivas distintas. Mesquita, analisando as circunstâncias estruturais que marcam as condições de produção do jornalismo, considera que

as tecnologias, as retóricas e a economia dos mídias modificaram-se, criando novos mundos da comunicação, plenos de fascínios, mas, simultaneamente, novas formas de condicionamento midiático, que passam mais pela sedução do que pela censura à velha maneira, pela sobreinformação do que pela subinformação, pela inflação de palavras e de imagens do que pelo respectivo *corte* (Mesquita 2004: 255).

Mouillaud chama atenção para duas questões: primeiro lembra que “o discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de dispositivo, que, por sua vez, não é simples entidade técnica, estranha ao sentido”; em seguida destaca que os textos articulam-se em lugares materiais e imateriais nos quais se inscrevem. (Mouillaud 1997: 30 e 34). A noção de dispositivo associada ao jornal aparece diferentemente de um dispositivo teórico, no caso “o conjunto de um suporte e de um sistema de práticas de utilizações” (Verón 2004)⁴. O jornal, nesta perspectiva, é agente e um lugar de operações de produção de sentidos e é justamente por causa das suas ações, dos seus dispositi-

⁴ VERÓN, Eliseo. *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

vos que a noticiabilidade vem se transformando, deixando de ser o que para alguns é apenas um processo linear que envolve produtor e receptores, ou ainda uma transação de falas entre fontes e jornalistas, circunstância em que os jornalistas estariam apenas a serviço da missão de revelação e de representação de discursos que circulam na sociedade. Pelo contrário, a noticiabilidade é cada vez mais associada e permeada por processos de fabricação que envolvem operações dos dispositivos industriais-organizacionais e simbólicas. Esta nova realidade tem uma repercussão nos processos e estratégias em que o jornalismo desenvolve uma das funções centrais de sua atividade, que é a referencialidade, e transcende às operações do “fazer saber” e “fazer crer”. Possivelmente, mudanças sociológicas e comunicacionais havidas no jornal – transformando-o num dispositivo complexo e estratégico da sociedade contemporânea – fazem com que se modifiquem os modos enunciativos pelos quais ele busca novas formas de vínculos com os leitores. Tais mudanças desenvolvem novas formas de discursividades por meio das quais a ênfase de mediação do jornal não seria apenas a de relatar o mundo, mas a de produzir o próprio relato das operações enunciativas que desenvolve para fabricar as realidades por ele apontadas. Desenvolve um modelo de enunciação que convida o leitor para um determinado tipo de enquadramento de interação, pelo qual, além de se colocar como um “lugar organizador”, o jornal diz que “está ali” e como *faz* para que a realidade que ele oferece se engendre nas fronteiras do seu aparelho produtivo. Isso tem a ver com o que Verón chama de um “novo regime de contato” na economia dos processos de construção dos “contratos de leitura” dos discursos jornalísticos, ao examinar os dispositivos enunciativos do telejornal⁵. Esta “economia da indicialidade” é o que Rodrigues caracteriza como um rompimento do silêncio do discurso acabado, cuja

⁵ Idem, *Il est la je le vois, il me parle*. Communications. Paris: Seuil, 1987.

estratégia não é mais a de se fixar no efeito de completude do discurso jornalístico, mas manter-se em conexão com o leitor. Falar, falar com o público, convidando-o a compreender o processo de enunciação. Trata-se de um redesenho de funcionamento de um modo de enunciação com relação aos lugares do enunciado e do enunciatário.

O primeiro já não se apaga tanto, na medida em que narra a sua protagonização no processo de construção das realidades. O segundo – o leitor – é inserido de outra forma, pois já não é somente alguém a quem o discurso se endereça, mas que é convidado a conhecer de outra forma os princípios que organizam a oferta do próprio discurso. Ou seja, conhecer o que causa não o enunciado em si, como a representação, mas os dispositivos mesmos que remetem à instauração da representação (Rodrigues 1990)⁶. Exemplo típico é o anúncio publicado pela Rede Globo: “Diferentes partidos, um *Jornal Nacional*. Na quarta-feira, dia 31, o Brasil e o Congresso pararam para assistir à reportagem exclusiva sobre o escândalo Valdomiro. JN – credibilidade, isenção e imparcialidade” (*Folha de S.Paulo*, 4/8/2004). Acima do texto-legenda, uma foto em oito colunas registra no anúncio os deputados assistindo, em uma sala do Congresso, a uma emissão do JN. Trata-se de uma operação enunciativa voltada para a auto-referência do discurso da informação, em que a própria instância da oferta informativa fala de seus efeitos sobre a recepção. É uma operação que se faz sobre a perspectiva do dispositivo informativo e que aponta para a impossibilidade dos silêncios entre produção e recepção. Como vemos, a noção de dispositivo⁷ surge como um conceito que nos parece capital para que sejam compreendidas as mutações enunciativas, na medida em que tais operações tomam forma na própria matéria significativa jornalística, por meio dos investimentos feitos nos elementos que constituem a organização e disposição discursiva e

⁶ RODRIGUES, Adriano D. *O discurso mediático*. Apostila de seminário. 73 p. São Leopoldo: PPGCC- Unisinos, 2002.

⁷ Sobre a noção de dispositivo, ver “Le dispositif: entre usage et concept”, in *Hermès 25: Cognition, Communication, Politique*. Paris: CNRS Éditions, 1999.

simbólica do jornal. O dispositivo é uma matriz que impõe suas formas no texto e que tem outra especificidade, que é “o modo de estruturação do tempo e do espaço” do próprio discurso jornalístico (Mouillaud 1997: 35). Os dispositivos estão presentes na “capa; relação texto/imagem; modos de classificação da matéria redacional; sistemas de chamadas; ‘percursos’ propostos ao leitor (capa>índice>matérias) e as variações que aí se produzem” (Verón 1985: 211). De uma perspectiva discursiva mais longínqua, na qual o acontecimento e a enunciação confundiam-se, pleiteia-se hoje, que o acontecimento é o próprio discurso sobre a enunciação que trata de fabricá-lo, ou seja, as ações dos dispositivos que interferem na construção da enunciação. São transformações que afetam o lugar de fala do discurso, mas também suas várias articulações e endereçamentos.

A partir dessas questões introdutórias, entende-se que o processo de produção do discurso jornalístico aponta crescentemente, por meio de estratégias discursivas, elementos que envolvem a auto-referencialidade de suas operações ou, de outro modo, a chamada de atenção a sua própria auto-referencialidade produtiva.

A enunciação parece ser cada vez menos o trabalho do processo de apropriação de discursos por parte dos jornalistas, entre suas fontes e interlocutores, e cada vez mais um trabalho outro, de dizer ao leitor as operações e em que condições esse processo de construção se faz. Por outras palavras: se mais longinquamente o jornalismo relatava fatos, e em seguida o jornal organizava a realidade segundo certas disposições, na contemporaneidade importa menos esse nível de apropriação das realidades externas pelas regras jornalísticas, e mais o relato segundo enunciações muito singulares, e “*em ato*”, das próprias condições pelas quais o jornalismo tece as realidades. Não está mais em questão o poder do jornalismo relativo à questão do *dizer*

e do *fazer saber*, mas o deslocamento do dispositivo jornalístico para enunciar as próprias condições da fabricação da notícia – em suma, da própria noticiabilidade. É isso que pretendemos examinar ao fazer a leitura dos fragmentos discursivos a seguir.

2

Laden, a santa e o paciente

Tais fragmentos nos interessam menos pela natureza dos seus conteúdos e mais pelas estratégias enunciativas por meio das quais o jornal explica a fabricação dos acontecimentos. Resultam da cobertura de três fatos. Claro que essas questões envolveriam muitas outras dimensões, várias outras angulações, mas aqui não são apresentadas pelos limites impostos pela economia do espaço.



Registro 1: Outubro de 2001. Na edição nº 169, a revista *Superinteressante* traz a cobertura sobre a derrubada das Torres Gêmeas, articulada em torno de três dispositivos: a capa, a carta ao leitor e a reportagem, que se entrelaçam conforme veremos. No primeiro, a capa promete desvendar o raciocínio de um terrorista. Para tanto, articula a foto de Bin Laden, numa “situação de pose”, a um enunciado verbal, destacado em primeiro plano, no qual promete-se descrever “Como racio-

cina um terrorista” e com o subtítulo “O que a ciência diz sobre o funcionamento da mente de quem pratica o terror”. Esta operação indica o percurso apresentado pela enunciação da revista, de caráter didático, ao se propor dissecar a mente e assim revelar a personalidade de Laden. Temos

como segundo dispositivo a “Carta ao leitor”, em que a revista descreve, conforme veremos, as operações por ela realizadas para oferecer ao leitor o funcionamento da personalidade de um terrorista. Finalmente, como terceiro dispositivo, o recurso às falas de especialistas sobre as quais repousa a possibilidade de o “dissecamento” ser feito. Esses três dispositivos articulam-se, apesar de, aparentemente, estarem desconectados entre si, na superfície material da edição.

Registro 2: Setembro de 2002. A revista *Pesquisa*, nº 79, editada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), especializada em questões de “vulgarização científica”, apresenta na capa uma chamada que se reporta ao aparecimento de uma mancha no vidro de uma residência na periferia de São Paulo, cujo efeito faz lembrar a imagem de uma *santa*. A exemplo do registro 1, três dispositivos compõem a estratégia da cobertura: a capa, em que a revista abandona seu rotineiro modelo de registros dos inventos produzidos pela ciência nacional; a “Carta ao leitor”, na qual é feito um relato sobre as razões que levam a revista a cobrir o assunto de outro modo – em vez de tratá-lo jornalisticamente, confia a um especialista em vidros a produção de um *parecer* (e não uma matéria) –; e finalmente a matéria, que é um texto cifrado, em terminologia científica, que se volta mais para os pares da comunidade científica do autor (um químico) do que para leitores não especializados.

O título guarda proximidade com os enunciados construídos pela imprensa sensacionalista (*O mistério da santa*) e está articulado com a imagem produzida pelo efeito químico sobre o vidro, do qual resulta uma silhueta que se associa



a um tipo de “figura” pertencente ao imaginário religioso. Articulado a esses materiais discursivos, destaca-se a presença de operações enunciativas do discurso científico – espécies de fórmulas químicas – cujo destaque visa lembrar o papel que esse discurso terá no processo de interpretação do mistério.



PAULO SANTANA

Com avental e soro

Há muito tempo que a imprensa se arranja um novo papel em a de fio levada pela pressão da sociedade: a de mero de lencenções das pessoas que se sentem lesadas em seus direitos por entidades privadas ou órgãos públicos.

Zero Hora já se acostumou a ser designadora de suas reclamações e até se apressou para receber as e sociais, apesar da dedicatória que consiste a avaliação sobre a legitimidade das denúncias.

So que ontem, às 10h, a Redação do nosso jornal foi apontada de surpresa por uma com que tinha um misto de pântica e pitoresca.

O funcionário público Gustavo Dahan, 31 anos, (foto) abandonou as dependências do centro clínico de um hospital da Capital, apressou-se a sair, com o avental de paciente, chinelos e todo o aparato da higiene e entrega de soro ligado nas suas veias e sustentado por esparadrapos – e rumou aqui para o prédio do jornal, procurando inicialmente ser integrado de um bloco de água corrente.

Não era. Era paciente mesmo. E veio para reclamar que estava havia três dias aguardando por uma cirurgia no hospital, enquanto o seu plano de saúde não concordava com o preço da prótese que seria implantada em seu corpo e foi exigida pelo médico (R\$ 30 mil), tentando negociar uma prótese mais barata, enquanto os preparativos para a cirurgia esboçavam-se no inferno pela impasse negociado, como informaram as fotos tiradas aqui em Zero Hora e incluídas nesta página.

Felizmente, enquanto se encontrava na Redação de Zero Hora, o hospital comunicou ao paciente que a cirurgia estava pronta para ser realizada e o plano de saúde finalmente concordava com a cirurgia de hímen no dia e com o pagamento da prótese exigida pelo segundo.

Mais uma vez o jornalismo socorreu a aflição de um dos seus leitores.

Registro 3: Abril de 2004. Uma coluna do jornal *Zero Hora* (Porto Alegre), escrita pelo jornalista Paulo Santana, vira tribuna da situação na qual a redação do jornal já havia sido palco, antes da edição, transformada que foi em lugar de reclamação. Um funcionário público abandona o hospital onde está internado, à espera de uma cirurgia, e vem à redação trazendo coladas ao corpo todas as evidências da sua condição de paciente. Vem denunciar o fato de estar há três dias aguardando as negociações que travavam seu plano de saúde e o hospital, a fim de que possa ser submetido a cirurgia. Em vez de a queixa ser registrada como matéria numa seção de reclamação, a coluna é transformada num dispositivo pelo qual o jornal explica a sua intervenção no caso do paciente-reclamante. Elege-a como espaço em que o caso é tratado. As imagens na fotografia do reclamante são apresentadas como fragmentos do real, e o texto do colunista relata os efeitos em tempo real que teve a visita do reclamante. Na forma de prestação de contas, a coluna diz que no momento em que o paciente se apresentava ao jornal para fazer a sua queixa, o hospital o procurava para comunicar que a cirurgia seria feita, pois o plano concordara com seu pagamento. A reação do hospital é comentada em segundo plano, pois o jornal, via colunista, prefere lembrar a especificidade de sua mediação, dizendo que “mais uma vez o jornalismo *so-correu* a aflição de um dos seus leitores”.

Os três registros apontados resultam de operações de investimentos de sentidos sobre a matéria significativa jornalística e chamam a atenção para o elemento comum entre eles: os princípios enunciativos que destacam a ênfase da estratégia centrada em operações de discursos de *auto-referência* (Luhmann 2000). Ou seja, nos três exemplos, temos realidades construídas pela operação de diferentes dispositivos tecno-discursivos, mas, sobretudo, ênfases no dizer propriamente dito das mídias sobre seus processos de fabricação das realidades. Tais estratégias de auto-referência recobrem também problemática tratada por Sodré (2002), quando lembra as transformações que sofrem as mídias, no caso a imprensa, ao se constituírem na contemporaneidade mais em *dispositivos de organização* do que de representação da realidade, circunstância que o leva a situar este fenômeno na esfera de ordem biomidiática. Tais estratégias de auto-referência se passam ali mesmo no corpo da enunciação das mídias, onde explicitam, além das condições e dos elementos heterogêneos que servem de condição de produção para moderna enunciação, os próprios fundamentos e as razões do seu modo de dizer e de fazer saber, sobretudo chamando a atenção para sua capacidade de operar via um fazer saber seu “processo de experimentação” e que converge para a fabricação da realidade.

2.1 Mostragens de peculiar captura...

Uma maneira que *Superinteressante* teve de entrar no ciclo da cobertura do assunto referido foi a de fugir parcialmente ao padrão de cobertura das demais mídias e deslocar (em termos) as características do seu “contrato de leitura”. Permanece no eixo da cobertura de uma revista científica ao tematizar o assunto, elegendo-o como matéria da capa da edição. E, em parte, fiel ao contrato, ao oferecer uma matéria investigativa (“Como raciocina um terrorista”),

alusivamente a Bin Laden. Entra na *busca* de Laden, porém trata-se de uma outra captura, pois pela pressão da lógica da midiaticização e dos imaginários que caracterizam o seu sistema de produção, faz uma captura peculiar – a mente do procurado, na medida em que temas como esse sempre interessam aos seus leitores... Entretanto, o que se destaca como operação enunciativa principal é a narrativa dos passos que deu para a semantização do assunto e menos a qualidade dos conteúdos levantados. Diferentemente dos seus concorrentes, “captura” Bin Laden à sua maneira: apodera-se não da sua pessoa, mas do “modo de pensar de um terrorista”. Propõe ao leitor que não fará qualquer ação de sentido, mas uma específica, a de enfatizar o seu modo de capturar Laden. Sabe-se que, para o trabalho de operação de sentidos do discurso jornalístico ter legitimidade, são necessárias sempre marcas de validade de sua competência, e estas se fazem disponíveis quando o dispositivo de enunciação anuncia mostrar não a captura do terrorista, mas a do seu pensamento...

Tais operações não são feitas de uma maneira que deixe o leitor apenas inferir sobre os passos dados. Trata-se de um dizer, e, ao mesmo tempo, de uma descrição das condições em torno dos quais este dito é constituído, engendrado pelo dispositivo de enunciação. Na seção “Carta ao leitor” da mesma edição, a revista explica, assim, como procedeu para anunciar a captura: “Poderíamos não publicar nada, uma vez que os fatos já tinham sido repetidos um número de vezes maior que o que você pode suportar [...], poderíamos ter produzido um dossiê, contando em detalhes tudo o que você sabia. Optamos por investir naquilo que a *Super* faz de melhor: análise de primeira qualidade. Com a nossa lente, mergulhamos no horror e de lá extraímos uma reportagem que mostra a você como funciona a mente de um terrorista”. Ao descrever as condições do seu trabalho

de enunciação, a revista também infere sobre os efeitos da leitura: registra já ter conhecimento do que parece ser de domínio do leitor sobre o tema tratado e agrega uma manifestação de auto-referência do próprio dispositivo, quando o texto faz um autojulgamento das condições de sua enunciação: “Mergulhamos no terror e de lá extraímos uma reportagem [...]”.

2.2 “Nossa Senhora das Vidraças”

Quatro operações enunciativas compõem o dispositivo do que a revista *Pesquisa*, da Fapesp, chama inicialmente na capa de “O mistério da santa”. Estão na capa, no editorial, na apresentação da matéria pela redação e, finalmente, na matéria – no caso, um texto de um cientista convidado e que é, segundo o dispositivo da enunciação, um *parecer*... O que trata a capa? O título guarda uma semelhança com aqueles das revistas informativas (“O mistério da santa”), ao falar de um acontecimento singular, um determinado mistério, ainda que o mesmo seja mantido sob uma certa conjuntura de imprecisão, pois não se sabe de que mistério se comenta... No âmbito das imagens, observa-se a existência de fragmentos de duas referências discursivas distintas. Como pano de fundo, os da própria janela, com destaque para as marcas da “imagem da santa” que aparecem no vidro. Há também aqueles que se sobrepõem à imagem da janela, no caso diagramas e fórmulas químicas que se reportam a um processo de leitura (química) de fenômenos naturais. Em segundo lugar, o editorial cujo título já anuncia a intenção do trabalho enunciativo em abandonar as características de seu modelo enunciativo, ao se propor a falar de uma “santa (cientificamente) explicada”. Não se trata de uma explicação qualquer, por exemplo de caráter jornalístico, na medida em que o título modaliza a natureza da explicação (referências científicas) a ser dada.

O texto editorial, após historiar os objetivos da revista, o de “tradução de resultados de pesquisa e conceitos científicos para uma linguagem comum, inteligível a qualquer leitor”, anuncia a operação com que esta rotina produtiva é alterada, no caso a publicação de um artigo científico, na sua forma e linguagem, como o “belo objeto da capa da edição”. As razões desta alteração nas operações enunciativas no dispositivo são igualmente justificadas no editorial, segundo vários argumentos:

o *paper* que contrapõe, às tentações de qualquer interpretação mística, uma explicação científica rigorosa para o fenômeno de aparecimento de manchas em vidro que evocam imagens sacras é de uma completa oportunidade, quando a mídia procura dissecar sob os mais diversos ângulos a história da santa do vidro de Ferraz de Vasconcelos (*Superinteressante*, editorial, p. 5).

Em segundo lugar, justifica-se não apenas a importância do texto, mas do próprio cientista, seu autor: “o especialista, PhD, especialista em tecnologia de vidros, é simplesmente uma das maiores autoridades brasileiras neste campo”. Em terceiro lugar, como último argumento, a revista esclarece as condições da quebra das regras em não publicar artigos científicos. No caso em análise, tratando

da contraposição implícita de uma visão de mundo a outra, de uma linguagem a outra muito diversa, julgamos enriquecedor para o debate e para os leitores a preservação da lógica interna do discurso científico – que aqui, aliás, alcançou uma extraordinária clareza (Idem, *ibidem*).

Vale lembrar que não se trata de uma matéria jornalística, mas de um parecer: o enunciador institucional é um especialista do campo científico, e, finalmente, a defesa da subversão do protocolo de vulgarização científica.

Na terceira operação, a revista aprofunda as razões da sua estratégia, anunciando os passos que caracterizam tal mudança. Assim, diz no subtítulo da matéria (“Mistério desvendado”) que o mistério perde sua estranheza e será explicado pela mediação do discurso científico, pois “pesquisador elabora parecer sobre origem de mancha em vidro que lembra imagem sacra”. No texto que antecede a reportagem (parecer) e em artigo assinado pela redação, a revista volta a explicar as razões da publicação do artigo: “apresentar em detalhes uma visão científica em linguagem científica – que se contrapõem a visão e linguagem mística –, sobre as causas de manchas em forma aproximada de imagens sacras em algumas vidraças”. Mas, ao mesmo tempo, toma partido sobre a natureza do discurso, e dos seus efeitos, ao dizer que o dispositivo faz falar, “prova de que a fé pode conviver com enigmas da natureza, sem a necessidade de explicações”.

Como quarta operação, é o texto que se engendra do lugar do próprio discurso científico, o qual já no seu título não fala mais de qualquer santa, mas da “*santa das vidraças*”, e que, ao mesmo tempo, desqualifica também a versão discursiva de outros campos sociais, ao dizer que se trata de “mais um mito do vidro”. O texto publicado em quatro páginas traz várias referências do discurso científico via articulação de fórmulas e gráficos, bibliografia, citações, sendo construído numa linguagem que se volta para a comunidade interna de científicos e especialistas afins. Só existe uma marca em que a operação enunciativa considera a existência do *leitor não especializado* e que é um fragmento da conclusão, onde faz uma apologia dos efeitos de cientificidade do próprio discurso da ciência: “aos poucos, portanto, a ciência desvenda os enigmas da natureza e, neste caso ensina que a ‘Nossa Senhora das Vidraças’ não é um fenômeno do além. É apenas fruto do acaso; um

belo exemplo proporcionado pela própria natureza – esta sim, perfeita, verdadeiro milagre!”. Parece-nos que a característica central deste dispositivo está no fato de a operação enunciativa contar o seu processo produtivo e explicar o fenômeno também pela noção de Luhmann, a de acoplamento de campos. Vê-se o longo argumento explicitado para justificar a transformação da matéria em parecer e do deslocamento do texto jornalístico para um texto científico como operação central voltada para produção da inteligibilidade. Porém, a ênfase do modelo de enunciação científica subsiste até certo ponto, pois é a competência de um lugar de discurso – o jornalístico – quem autoriza a entrada em cena do discurso científico, fazendo também, à sua maneira, sua respectiva validação.

2.3 Lugar de reclamação ou de intervenção?

Como funciona o dispositivo de enunciação de *Zero Hora*? O registro é apresentado numa coluna que, ao exibir o caso, também é indicada como a *tribuna* onde o jornal pratica e anuncia o seu modo de fazer a sua cidadania: “*Zero Hora* já se acostumou a ser desaguadouro dessas reclamações e até se aparelhou para recebê-las e veiculá-las [...], só que ontem [...] a redação foi apanhada de surpresa[...]”. Inicialmente, anuncia o seu lugar de fala (*desaguadouro de reclamações*), que o autoriza a gerir e a gerar (discursivamente) a narrativa sobre o episódio. Em seguida, informa em que condições o caso chegou na redação, que foi “apanhada de surpresa por uma cena que tinha um misto de patética e pitoresca”. Na seqüência “prova”, ao lado da descrição do perfil, as motivações e as características do reclamante, e com a exibição de fotos, a existência do caso em seu próprio território – o jornalístico. Com isso, quer destacar as condições em que se processa a enunciação, na medida em que apela para o recurso documental (fotogra-

fias), expediente este raramente utilizado nesta coluna. É, nestas condições, que se produzem o acontecimento e a sua respectiva visibilidade: “era paciente mesmo” [...], “como informam as fotos tiradas aqui em *Zero Hora* e exibidas nesta página”. O texto jornalístico diz no tempo da enunciação em que condições se desenrola a solução do caso: “felizmente, enquanto se encontrava na redação do *ZH*, o hospital comunicava ao paciente que a cirurgia estava pronta para ser realizada [...]”. O dispositivo chama a atenção para o lugar e o momento em que negociações de caráter não jornalístico se efetuam: o ambiente da redação e a presença nele do paciente reclamante. Finalmente, a ênfase no que parece ser o resgate do discurso de auto-referência em que se valida, o modelo de enunciação e a nova função do jornal, na sua prática de noticiabilidade: “mais uma vez o jornalismo socorreu a aflição de um dos seus leitores”.

Conclusão

Essas questões relativas às transformações dos processos de noticiabilidade suscitam lembrar uma entrevista de Maxwell McCombs, um dos teóricos do agendamento do discurso jornalístico, quando já dizia em entrevista recente que “há que se reinventar o conceito de notícia”⁸. Porém, sua análise se baseia nos efeitos dos dispositivos, ou seja, limita a análise de produção da notícia apenas a aspectos visíveis, como se os jornalistas dessem conta de maneira consciencialista sobre a complexidade desse processo. Voltando a nossa questão, esta análise chama a atenção para um aspecto superficialmente comentado, aqui deixado como uma pista para futuras investigações. Em que medida tais operações de auto-referencialidade do sistema de produção dos discursos jornalísticos produzem, como efeito de sentido, uma espécie de “estética da *mostragem*”, pelo fato de o modelo de enunciação enfatizar operações que destacam

⁸ MUÑOZ, Paulina Leyva. *Hay que se reinventar el concepto de noticia*. Entrevista concedida por Maxwell McCombs. Sala de Prensa, nº 34, ano III, vol. II. Santiago, ago./2001.

um trabalho operado pelo próprio dispositivo midiático com base em regras que visam, em vez das inteligibilidades sobre o mundo, uma fala sobre o modo midiático de fabricação da realidade em si mesmo.

As estratégias analisadas estão conectadas menos por seus conteúdos e mais pelas disposições enunciativas que formalizam os processos de produção do discurso informativo, demonstrando como o dispositivo da enunciação quer se validar. Na reportagem sobre Bin Laden descreve-se a “prova” de sua captura por parte da cobertura. Na reportagem da imagem da “santa”, ela está transformada em silhueta aprisionada pelo discurso científico, que o discurso da informação faz falar. E, na do paciente, enquadrada numa região do jornal, a coluna se apresenta como esfera de mediação, representante do dispositivo que a autoriza a contar o caso. A noção de dispositivo parece assim importante para compreender essas transformações porque articula processos de fabricação, além de saberes e “regimes de crença” da própria cultura jornalística. O dispositivo produz práticas, instaurando-se também nos seus âmbitos, destacando-se como *ponto de aplicação* de crenças e saberes de uma prática social. Estando no centro dos processos de produção jornalísticos e de seus funcionários – os jornalistas –, os dispositivos são *operações* e *operadores* que explicitam e atualizam uma outra forma de poder do jornalismo, redesenhando as ações enunciativas pelas quais esse poder se vincula ou se endereça ao outro – o leitor. Enquanto *pontos de aplicação*, os dispositivos estruturam e fazem funcionar as relações entre capa/editorial e capa/editorial/ reportagem, dando-lhes uma materialidade e sentidos determinados. Além disso, possibilitam o “discurso sobre o discurso”, na medida em que o discurso da atualidade não está mais num referente, mas nas disposições que dão a uma determinada realidade.

Esse mecanismo produz no seio do discurso jornalístico o deslocamento do status *do relato sobre o mundo para o relato de construção do relato sobre o mundo*, ou seja, uma fala que constitui a produção da própria experiência dos discursos jornalísticos. Emergência de uma nova estética: enunciar o mundo, mas, em primeiro lugar, as operações com que constitui o processo da sua fabricação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLON, Marlon. *Sobre lo televisivo dispositivos, discursos y sujetos*. Buenos Aires: La Crujia, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. *De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas*. Vol. I, nº 1. Caracas: ALED, 2001.
- . “Le dispositif: entre usage et concept”, in *Hermés 25*. Paris: CNRS, 1999.
- LUHMANN, Niklas. *La realidad dos los mass medias*. Madrid: An-thropos, 2000.
- . *A nova teoria dos sistemas*. Clarissa Neves & Eva Samios (coord.). Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- MESQUITA, Mário. *O quarto equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Minervacoimbra, 2004.
- MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio (orgs). *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- MUÑOZ, Paulina Leyva. *Hay que se reinventar el concepto de noticia*. Entrevista concedida por Maxwell McCombs. Sala de Prensa, nº 34, ano III, vol. II. Santiago, ago./2001.
- PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas: Unicamp, 1988.
- RODRIGUES, Adriano D. *O discurso midiático*. Apostila PPGCC, 73 p. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- SODRÉ, MUNIZ. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

- _____. “L’analyse du ‘contrat de lecture’, une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports presse”, in *Les medias, expériences, recherches actuelles, applications*. Paris: IREP, 1985.
- _____. “Que voit-on du monde? Images dans le discours de l’information”, in *La recherche photographique histoire esthétique*, n° especial 7. Paris: Hazane, 1989.
- _____. “Il est la je le vois, Il me parle”, in *Communications*, n° 32. Paris: Seuil, 1987.